

CULTURA E SOCIEDADE

DANILA BARBOSA DE CASTILHO
(ORGANIZADORA)



CULTURA E SOCIEDADE

DANILA BARBOSA DE CASTILHO
(ORGANIZADORA)



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Lorena Prestes

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
 (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C968 Cultura e sociedade [recurso eletrônico] / Organizadora Danila Barbosa de Castilho. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-65-86002-01-0
 DOI 10.22533/at.ed.010201402

1. Cultura. 2. Política cultural. 3. Sociedade. I. Castilho, Danila Barbosa de.

CDD 353.70981

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

As manifestações culturais são uma das muitas características dos diversos grupos sociais. Assim, as produções cinematográficas, festejos, linguagens e religiosidades constituem-se de suma importância na elaboração de pensamentos críticos, identificações e difusão dos conhecimentos de um grupo.

Tais manifestações são permeadas por conflitos, disputas, percepções e experiências vividas, as quais precisam ser valorizadas em detrimento a imposição de uma cultura global, hegemônica e eurocêntrica. Pois em diversos momentos históricos as manifestações culturais populares foram, e ainda são, muitas vezes silenciadas e por vezes se refletem nos processos educacionais.

Os textos aqui apresentados nos proporcionam reflexões acerca das trajetórias de diferentes sujeitos, e nos motivam a descolonizar a cultura, o imaginário e as identidades.

Danila Barbosa de Castilho

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“PROJETO BORA?”: UM INTENTO DE INSERÇÃO DA CIDADE DE TUCANO-BA NO TEXTO DO REGIONALISMO NORDESTINO	
Marcelo Cerqueira Cesar Filho	
DOI 10.22533/at.ed.0102014021	
CAPÍTULO 2	12
A ICONOGRAFIA NA PINTURA DE ALBERTO VALENÇA (1890-1983)	
Vera Spínola	
DOI 10.22533/at.ed.0102014022	
CAPÍTULO 3	25
PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DE SENTIDOS SOBRE O DOCUMENTÁRIO FEVEREIROS	
Gilmar Adolfo Hermes	
DOI 10.22533/at.ed.0102014023	
CAPÍTULO 4	37
FERNANDO PESSOA ENTRE TRADIÇÃO E CONTEMPORANEIDADE	
Rafaela Favarin Somera	
DOI 10.22533/at.ed.0102014024	
CAPÍTULO 5	51
TEMPORALIDADE: IMAGEM E PODER NA <i>PROPAGANDA FIDE</i> INQUISITORIAL	
Geraldo Pieroni	
DOI 10.22533/at.ed.0102014025	
CAPÍTULO 6	65
TIRANDO O BLOCO DA AVENIDA: A CRISE NOS BLOCOS DE CARNAVAL DE RUA NO RIO DE JANEIRO E EM SALVADOR	
Diego Santos Vieira de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.0102014026	
CAPÍTULO 7	85
O <i>PRESIDENTE NEGRO</i> : EUGENIA EM MONTEIRO LOBATO?	
Erick Vinicius Mathias Leite	
Sônia Filiú Albuquerque Lima	
DOI 10.22533/at.ed.0102014027	
CAPÍTULO 8	95
CABILA E IJEXÁ: INTERCONEXÕES ENTRE RITMOS DE DUAS CULTURAS	
Adrian Estrela Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.0102014028	

CAPÍTULO 9	105
ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR CONTRA A MULHER EM ESCOLAS PÚBLICAS DE ENSINO MÉDIO EM SÃO LUÍS	
Christianne Rose de Sousa Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.0102014029	
CAPÍTULO 10	108
REFLEXÕES SOBRE O MACHISMO NA ETNOGRAFIA DOMÉSTICA DE KARIM AÏNOUZ: O “PATRIARCADO SEM HOMENS” EM SEAMS	
Everaldo Asevedo Mattos	
DOI 10.22533/at.ed.01020140210	
CAPÍTULO 11	121
A PRESENÇA DO RACISMO NA TRAJETÓRIA DE MULHERES NEGRAS NO MUNDO DO TRABALHO: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA	
Taíse Dos Anjos Santos	
Taynan Alves Filgueiras	
DOI 10.22533/at.ed.01020140211	
CAPÍTULO 12	142
JOVENS NEGROS NA ESCOLA, DA EXISTÊNCIA AS REEXISTÊNCIAS: REFLEXÕES TEÓRICAS	
Maria Valdete Vitoria da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.01020140212	
CAPÍTULO 13	152
INFÂNCIA E TECNOLOGIA: PRÁTICAS DE UMA CULTURA DIGITAL	
Pedro Almeida Silva	
DOI 10.22533/at.ed.01020140213	
CAPÍTULO 14	162
DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA A INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO	
Bianca de Paula Santos	
Carmen Lúcia da Silva Santos	
DOI 10.22533/at.ed.01020140214	
CAPÍTULO 15	174
AQUARIUS: EDIFICANDO O DESCOLONIAL	
Jacqueline Gama de Jesus	
Ana Lúgia Leite e Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.01020140215	
CAPÍTULO 16	188
LOBO ANTUNES: UMA VOZ LUSÓFONA QUE REPRESENTA A MEMÓRIA DA GUERRA COLONIAL EM ANGOLA EM TEMPOS PÓS-COLONIAIS	
Romilton Batista de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.01020140216	

CAPÍTULO 17	197
'PORTUGALIDADE' NA(S) LUSOFONIA(S): UM CONTRASSENSENTO	
Vítor de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.01020140217	
CAPÍTULO 18	219
DA AUSÊNCIA À PRESENÇA: O EXEMPLO DO TACHO DO MUSEU GRUPPELLI, PELOTAS - RS	
Davi Kiermes Tavares	
José Paulo Siefert Brahm	
Diego Lemos Ribeiro	
Juliane Conceição Primon Serres	
DOI 10.22533/at.ed.01020140218	
CAPÍTULO 19	234
DESCOBRINDO USPANU	
Surama Sulamita Rodrigues de Lemos	
Thiago Augusto Oliveira de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.01020140219	
CAPÍTULO 20	239
PERVERSÃO: CONCEITO E CONCEPÇÕES SOBRE A PEDOFILIA	
Ivana Suely Bezerra Paiva Mello	
Ana Kalline Soares Castor	
Leda Maria Maia Rodrigues Carvalho	
Mylena Menezes de França	
Silvana Barbosa Mendes Lacerda	
Daniela Heitzmann Amaral Valentim de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.01020140220	
CAPÍTULO 21	253
SUBSÍDIOS TEÓRICOS PARA MENSURAÇÃO DA SEXUALIDADE EM PESQUISAS PSICOMÉTRICAS	
Alexandre de Oliveira Marques	
José Augusto Evangelho Hernandez	
DOI 10.22533/at.ed.01020140221	
CAPÍTULO 22	265
A DIVERSIDADE CULTURAL PELO OLHAR KAINGANG	
Claudio Luiz Orço	
Elizandra Iop	
DOI 10.22533/at.ed.01020140222	
SOBRE A ORGANIZADORA	280
ÍNDICE REMISSIVO	281

“PROJETO BORA?”: UM INTENTO DE INSERÇÃO DA CIDADE DE TUCANO-BA NO TEXTO DO REGIONALISMO NORDESTINO

Data de aceite: 31/01/2020

Data de submissão: 26/10/2019

Marcelo Cerqueira Cesar Filho

Universidad del Cine de Buenos Aires

<http://lattes.cnpq.br/6848675776570640>

RESUMO: O presente texto é o resumo de um projeto de pesquisa maior denominado “Bora?”: *A autoafirmação de um povo em fronteira por imagem e som*, concluído e apresentado em 2018 no marco da graduação em direção cinematográfica da Fundación Universidad del Cine de Buenos Aires. O trabalho tratou de analisar um experimento audiovisual próprio, realizado pelo autor, que visava a promoção da cultura local de sua cidade natal no sertão baiano, chamada Tucano. Propõe-se, primeiramente, a expor um problema de dominação cultural sofrido pela cultura sertaneja nos âmbitos nacional e regional, e aplicá-lo ao microcosmos da pequena cidade em questão. Logo, relata a metodologia usada e os resultados atingidos na realização e difusão de um seriado documental veiculado online. A referida web-série foi parte do “Projeto Bora?”, iniciativa multidisciplinar e de mídia-livre idealizada por três jovens tucanenses com o objetivo de intervir culturalmente no cenário

local. O referido trabalho e o presente texto, portanto, analisam a produção audiovisual do projeto em busca de demonstrar a potência deste tipo de representação para o fortalecimento da identidade coletiva, bem como apontar possibilidades e armadilhas de estratégias regionalistas como esta em tempos de multiculturalismo global.

PALAVRAS-CHAVE: audiovisual, identidade, regionalismo, sertão

“PROJETO BORA?”: AN ATTEMPT TO INSERT A SMALL TOWN FROM BAHIA IN THE TEXT OF BRAZILIAN NORTHEASTERN REGIONALISM

ABSTRACT: The present text is a summary of a bigger research project intitled “Bora?”: *Self-affirmation of a border community through image and sound*, finished and presented in 2018 as a graduation thesis for the degree of movie directing at Buenos Aires’ Universidad del Cine. The work analyses an audio-visual experiment made by the author himself, which aimed to promote the culture of his hometown, Tucano, in the drylands of Bahia. First of all, it exposes the problem of cultural domination suffered by the countryside of the state in a regional and national level, and then applies it to the context of this particular town. Subsequently, it describes the methodology employed and the results achieved in the production and distribution of a documentary web-series. These documentaries

were part of “*Projeto Bora?*”, a multidisciplinary initiative by three young students from Tucano, the author included. The referred work, hence, analyses the audio-visual portion of the project seeking to demonstrate the leading role this kind of representation can have in strengthening a collective identity, in addition to indicating some possibilities and traps for regionalist strategies like this in times of global multiculturalism.

KEYWORDS: audiovisual, identity, regionalism, Brazilian drylands

1 | CONTEXTO

O fato de que 69,3% da área total do estado a Bahia seja de terras semiáridas, mas que isto em absoluto afete este sema aglutinador de sentido, é no mínimo sintomático. Trata-se de uma terra batizada pelo mar e que a ele deve grande parte de suas riquezas. No entanto o sertão não dista mais do que cem quilômetros adentrando em linha reta no nordeste brasileiro.

Desde a invasão portuguesa, esta diferença geoclimática abrupta que se percebe entre a zona da mata e as caatingas provocou dois tipos de colonização muito distintos. Enquanto a costa enriqueceu e se integrou ao mundo rapidamente com o negócio da cana de açúcar, os sertões foram sendo ocupados gradativamente, ao longo de pelo menos dois séculos, por criadores de gado, missionários e exploradores.

Esta diferença sócio histórica e antropológica gerou, claramente, textos identitários dispares entre a costa e os interiores de Nordeste. Dos estados da região, no entanto, é na Bahia que tal disparidade se faz perceber com mais clareza. Se para um brasileiro contemporâneo falar de Pernambuco, Ceará ou Piauí logo traz imagens relacionadas a seca, forró e conservadorismo, falar de Bahia, pelo contrário, rapidamente se associa a praia, axé e felicidade.

Partindo do trabalho de Cláudia Pereira Vasconcelos, podemos afirmar que é muito eficazmente, mas de maneiras quase opostas que se constituem os textos indenitários da Bahia e do Nordeste – sinônimo de sertão neste sentido. Por um lado, Gilberto Freyre lança em 1926 no Recife seu “Manifesto Regionalista”, fundando as bases da cultura nordestina na imagem do homem popular e na cultura do campo. Opera-se aí o que Pierre Bourdieu chamaria de revolução simbólica, assumindo-se o atraso da região como um valor contra a modernização massificante sofrida pelos centros industriais brasileiros. Por outro lado – e talvez em resposta à efetividade do regionalismo nordestino – surge o discurso da “Bahia mãe do Brasil”. Uma terra de misticismo, sensualidade e alegria que não por acaso serviu e serve ainda hoje para sustentar uma indústria multimilionária de turismo e produção cultural.

Enfim, o que a pesquisa aponta é que, no bojo do texto da baianidade, não há possibilidade de inserção dos elementos que compõem a sertanidade, visto que a formulação desta última estaria historicamente marcada por estigmas e estereótipos negativos que inviabilizariam o sucesso de um texto identitário tão forte. Afinal, o acervo hegemônico de referências sobre a Bahia se retroalimenta da possibilidade idealizada de comercialização da felicidade de um lugar-cultura-produto. (PEREIRA

O que temos aqui, então, é um claro exemplo de dominação da cultura sertaneja pela cultura baiana, conflito que se vê exacerbado na área sertaneja do domínio político do estado da Bahia. Nesta dualidade – adotando os termos de Homi Bhabha – a cultura de Salvador assume o papel de agente modernizador, e a cultura do Nordeste a de agente contra moderno. O autor descreve as regiões contra modernas não como lugares que sejam necessária ou ativamente contrários ao processo de modernização, senão como lugares que lhe apresentam resistência por diversos fatores. Ali, a sociedade “colonial” por um lado tenta reproduzir cultural e linguisticamente o poder, mas por outro lado faz conviver esta imitação com tradições pré-existentes.

Neste sentido, se o Sertão baiano pode ser pensado, através de Bhabha, como uma zona híbrida, também o sertanejo que começa a surgir na segunda metade do século XX poderia ser pensado como um ser híbrido. Alguém que, em busca de uma identidade cultural frente à massificação e desenraizamento promovidos pelo avanço do capitalismo global preserva formas culturais que muitas vezes entram em conflito com os valores liberais e humanísticos de sua formação.

Para analisar pontualmente as sutilezas e possibilidades de subversão do cenário apresentado, tomaremos a cidade de Tucano como amostra de pequena vila sertanejo-baiana. Trata-se de um município situado 260 quilômetros ao norte de Salvador, com 52 mil habitantes e localizado no meio nordeste do sertão baiano – tendo a cidade de Feira de Santana como centro econômico. Por um lado, pode-se vê-la como um arquétipo de pequena cidade sertaneja onde a modernidade adentra de maneira tortuosa, mas avassaladora. É mais um município economicamente sustentado pela agricultura e pecuária, com órgãos públicos inchados e comércio vacilante, governada por políticos abertamente clientelistas e culturalmente baseada em costumes católicos e campestres que convivem com uma cultura de massas que inibe qualquer outro tipo de expressão artística.

É, no entanto, um dos povoamentos mais antigos da região – tendo este começado entre o final do século XVII e o início do XVIII, tornando-se paróquia no ano de 1754 e emancipando-se politicamente em 1837. Localiza-se em uma região com características geoclimáticas que diferem ligeiramente do que comumente se observa no semiárido nordestino, como invernos chuvosos, a presença de um rio perene – o Rio Itapicuru – e a abundância de água no subsolo. Possui ainda uma história de progressos no século XX que culmina em seu estabelecimento na década de 70 como centro produtor de cereais. Hoje, no entanto, o fim do referido ciclo de prosperidade do feijão e do milho e a ausência de soluções para problemas sociais e econômicos locais parecem desalentar qualquer valor de identidade coletiva local – apesar das características distintivas já mencionadas.

É diante de um contexto como este, no qual tanto uma massa acrítica quanto uma elite detentora de conhecimento nutrem uma imagem depreciativa de seu próprio eu coletivo – associando-o a atraso e, por conseguinte, alimentando uma imagem

idealizada de desenvolvimento e modernidade – que o audiovisual surge como linguagem enormemente eficaz para a construção de um discurso afirmativo. Filho da técnica e fetiche da era dos meios de comunicação eletrônicos, o audiovisual mais do que nunca é a forma de discurso do poder. Seja por descuido ou necessidade, no entanto, é também crescente a possibilidade de emular a forma destes discursos hegemônicos desde as margens. É desta possibilidade que se aproveita a proposta a ser explicitada a seguir.

2 | INTERVENÇÃO AUDIOVISUAL

“Projeto Bora?” é como se designa uma iniciativa de mídia livre desenvolvida entre os anos de 2013 e 2017 com o objetivo de documentar e publicitar o patrimônio histórico, natural e cultural do município de Tucano. Durante este período veicula produção autoral em três linguagens diferentes - literatura, fotografia e audiovisual – através de uma página do *Facebook*, sempre tendo como matéria prima algum aspecto específico do patrimônio local. Apesar de multidisciplinar, entretanto, é o audiovisual que organiza a proposta geral. Levado a cabo pelo autor do presente texto, no curso de seu bacharelado em direção cinematográfica na Universidad del Cine de Buenos Aires, o projeto audiovisual do “Bora?” é simples e pragmático, definindo-se preliminarmente como uma campanha publicitária da cidade de Tucano para tucanenses.

Aponta desde o início à produção de breves curtas-metragens documentais, com duração entre 3 e 5 minutos, com uma estrutura baseada na *talking head* intercalada a planos ilustrativos. Uma linguagem televisiva comum, mas que se realizada com um mínimo padrão de qualidade profissional seria capaz de chamar a atenção do público alvo não por sua forma, mas por associá-la a um tipo incomum de conteúdo. Diferentemente do discurso televisivo hegemônico, gestado nos grandes centros, tomaria como matéria prima assuntos, lugares e pessoas deste particular universo no sertão da Bahia.

É interessante observar, no entanto, que apesar de se propor como uma simples campanha comemorativa – com baixo custo de produção e distribuição e com ambição não maior que a de gerar uma “onda de autoestima” – o projeto inicial conta com uma ideia de conclusão ambiciosa: a união de todo o material filmado em uma única obra audiovisual de longa-metragem. Note-se aqui o apego à legitimidade das formas tradicionais do cinema ainda dentro de propostas essencialmente de mídia livre como esta, sintoma de uma época em que o que canonicamente se considera a sétima arte luta para manter seu *status quo*. Espelho de seu meio, o “Bora?” se desenvolve como um projeto híbrido, sempre na tensão entre um ímpeto puramente retórico e a vontade de construir um discurso oficial.

O primeiro período de gravações ocorre em julho de 2013 e já desde as primeiras tomadas se puderam perceber algumas das particularidades que viriam a caracterizar a web-série em geral. Primeiro, as dificuldades do modelo de “realização integral”, que

sobrecarrega a figura do diretor com tarefas técnicas em detrimento da construção narrativa. Depois, a vantagem de não ter uma equipe profissional e conseguir assim mais naturalidade de entrevistas à população local. Por fim, e mais importante, a dificuldade de construir um discurso afirmativo a partir destas entrevistas, dado o já citado traço autodepreciativo do povo em questão. Neste sentido é interessante pontuar que as aberturas dos curtas, desde o primeiro, incluem ao menos um comentário que nega conhecer qualquer riqueza local, buscando celebrar também este traço idiossincrático através do humor.

Durante o processo de montagem o projeto começa a chegar a sua forma final: o de uma série dividida em quatro eixos temáticos representados por uma bússola – Terra, Povo, Festas e Feira, em referência a *Os Sertões* de Euclides da Cunha. São planejados 20 episódios – muitos ainda por gravar – e a ideia da finalização em um longa-metragem começa a perder importância. É neste momento também que ficam claras algumas limitações auto impostas de estilo para edição, tendo como objetivo gerar distância da pura e simples linguagem televisiva almejada no início. São elas a inexistência de um narrador, a proibição do uso de música – a não ser na abertura e no fechamento de cada episódio – e mesmo a recusa a usar rodapés de identificação para os entrevistados.

A série estreia online com um público médio de mil visualizações por vídeo e já um mês e meio depois do lançamento virtual tem sua primeira exibição pública em Tucano. Em ocasião da abertura do VIII Encontro do Fórum de Cultura da Bahia, o poder público municipal convida o “Bora?” a exibir seu curta-metragem de estreia na praça central – sendo um primeiro gesto de reconhecimento da cidade para com o projeto. Confirmando a tendência de aproximação ao público, no mês de dezembro realiza-se a primeira mostra da produção do projeto. O evento, denominado “Encontro”, toma como palco um espaço público de importância simbólica – a nave da bicentenária Igreja Matriz – e traz, para além da produção própria do “Bora?”, as obras ou performances de cinco outros artistas locais. Realiza-se, assim, não um evento do projeto, mas um evento com os ideais do projeto. Uma mostra artística multidisciplinar e inteiramente tucanense.

O “Encontro” consegue congrega algo em torno de 150 pessoas. Uma cifra pequena, mas significativa, considerando o contexto interiorano, o cenário da produção independente atual, e a capacidade máxima de cem pessoas sentadas que comporta a nave igreja. Dois meses e meio depois surge ainda por parte de três escolas do município o convite para realizar novas mostras para estudantes de ensino fundamental 1 e 2. A série do “Bora?”, então, apesar de não possuir teor didático, passa muitas vezes a ser usada em sala de aula como tal. Estes acontecimentos marcam o fim da primeira temporada da web-série e também a conclusão do que se havia projetado inicialmente. Havia mais da metade dos episódios por fazer, é certo, mas o movimento para a “onda de autoestima” pretendida estava feito e já dava frutos.

Depois do evento, o projeto entra no que se pode chamar de um período de

distribuição, que vai do início de 2014 até meados de 2016. Trata-se de uma etapa de baixa produtividade, na qual se desenvolvem três vertentes de ação dispare: a busca de legitimação da obra já construída; a busca de recursos para financiar uma continuação sustentável do ponto de vista econômico para o projeto; e uma crescente politização que distancia do fazer artístico propriamente dito. Três linhas divergentes e cujos resultados não podem ser somados, senão que concorrem entre si. Ao tentar tratar sua web-série segundo os moldes da indústria, o “Bora?” uma vez mais busca nas formas tradicionais do cinema as respostas para resolver questões por um contexto de produção e distribuição totalmente distinto. Os resultados da hibridação são ambíguos, podendo ser observada uma expansão no alcance e um aumento de credibilidade, mas também uma perda da maior parte da força de seu discurso.

Talvez o desdobramento político seja o mais interessante, tanto por desprender-se totalmente da obra em questão, quanto por ser o mais efetivo deles. É neste período que ocorre uma aproximação entre o “Bora?” e os integrantes do Coletivo Ação Juvenil de Tucano (COAJ), grupo de militância jovem dos anos 2000, originalmente voltado a causas do âmbito rural e rearticulado em 2013 a partir das demandas de jovens da sede. Em 2015, como respostas a uma grave crise de segurança pública, criam em parceria um projeto que leva cinema às periferias da cidade, e logo depois apoiam a realização de um “Sarau na Rua”, palco aberto para artistas locais que visa a ocupação de praças à noite como forma de resistência à criminalidade. O impacto de um ano de Sarau é enorme na cidade. Resultado disto, e do envolvimento da equipe do “Bora?” nas atividades do “COAJ”, é o fato de que os dois grupos passam a confundir-se e funcionar quase como sinônimos para a população tucanense.

A etapa final do “Bora?” começa a idealizar-se com as pesquisas para o trabalho que dá origem a este artigo. Quando o projeto começa a se pensar e buscar uma forma de conclusão, surge o interesse pela história local como um novo motor para a produção. É interessante notar que no planejamento inicial da web-série existia uma limitação auto imposta de não abordar temas históricos para, assim, evitar o discurso saudosista e autodepreciativo sertanejo. No entanto, ainda na primeira temporada um eixo especial é incorporado à série para a criação de episódios históricos, evidenciando que não se tratava de excluir tamanho fator constitutivo de identidades como a história, mas sim de encontrar uma maneira de abordar o tema de maneira afirmativa.

A web-série do “Bora?”, então, chega ao fim com um especial histórico que trata das figuras de Lampião e João Abade, e de como estas estão relacionadas a Tucano. O episódio encerra a série de vídeos sem um ponto final, aparentemente dando a entender uma vitória da intenção puramente retórica do projeto. No entanto, esta tensão entre organicidade e fragmentação percebida desde o início não se resolve de maneira tão simples. O fim da web-série é apenas parte do ato de fechamento do “Bora?”.

No aniversário de 180 anos da cidade de Tucano o projeto encerra suas atividades em uma obra teatral de rua dedicada a contar a história da cidade em forma

de espetáculo. Para isto, a equipe volta a usar as estratégias do “Encontro” de 2013, agora em maior escala. “O Espetáculo da História de Tucano” transforma o espaço da quadra de esportes municipal em uma pequena cidade cenográfica com sete cenários transitáveis. Construído sob a estrutura de uma linha do tempo, o espetáculo guia o público de uma cena a outra cronologicamente, buscando gerar nele a impressão de estar percorrendo o caminho da história oficial. No entanto, ao mesmo tempo usa como fio condutor a figura de um narrador, uma espécie de bobo da corte sertanejo muito velho e mentiroso, inspirado no Dom Pedro Diniz Quaderna de Ariano Suassuna.

NARRADOR: A história com “h”, nobres senhoras e senhores, é uma coisa curiosa, obscura e escorregadia, mas ainda assim quanto mais a pessoa é entendida nas esclarecências de um acontecido, mais jura de pé junto que o que está nas páginas amareladas dos livros é fato verídico e incontestável, mas eu lhes pergunto nesta noite de festa: quem foi que viu aquilo tudo para provar que foi assim mesmo? Quem? Quem? É por isto que, como humilde narrador que vos fala esta noite, vou confessar logo de cara que ao contrário de tudo quanto é livro de história que tem aí pelo mundo, eu vi tudinho. O que não vi, ouvi e relato de cor e salteado, e quem estiver duvidando que faça prova do contrário com nomes, números e fidedignos testemunhos. (BORA, 2017, p. 1)

Desta maneira, é através de um texto espetáculo que se propõe como discurso oficial ao mesmo tempo que burla da própria ideia de que haja tal coisa que o “Bora?” consegue explicar-se a si mesmo. Curioso é observar que justamente esta é a iniciativa mais exitosa do projeto, congregando entre 800 e 1000 pessoas. Frente à qualidade da resposta dos presentes e à repercussão conseguida na cidade depois do evento, concluímos que a execução da intervenção virtual de alguma maneira gerou a necessidade de reforço ou concretização dos laços construídos digitalmente como forma de potencializar seu efeito – e que, ao fazê-lo, esta potencialização de fato ocorreu.

3 | RECEPÇÃO

Durante o “Espetáculo” aplicou-se uma pesquisa de opinião qualitativa ao público. A ficha modelo consistiu de algumas perguntas básicas de identificação do entrevistado, seguidas de uma questão assinalável acerca de se o mesmo já conhecia ou não o “Bora?” e, por fim, um espaço aberto para sua opinião sobre o projeto. Foram entrevistadas 48 pessoas do mencionado universo de entre 800 e 1000 espectadores. O grupo era composto majoritariamente por tucanenses, jovens-adultos e alunos ou professores.

Todos os entrevistados classificaram o “Projeto Bora?” positivamente. Dentre as respostas do grupo, há pontos em comum que se sobressaem. Primeiro estão referências à importância do projeto para com o resgate histórico local, logo constatações da necessidade regional por iniciativas culturais similares, e por fim menções ao teor de inovação do projeto dentro de seu contexto, desejos de continuidade para a iniciativa e um número de classificações mais genéricas como um simples “bom” ou “legal”. Em conclusão, percebe-se que se não consegue agradar a todos, uma iniciativa como o

“Bora?” é ao menos capaz de, em uma situação de entrevista, coagir o entrevistado a concordar com uma importância já estabelecida do regionalismo sertanejo em seu contexto.

Na internet, a primeira temporada – publicada no YouTube – chega à média de 13.300 visualizações e 84 interações – entre curtidas, “descurtidas” e comentários. A segunda temporada contribui para reduzir este alcance – ficando esta enfim na casa das 6.800 visualizações e 54 interações por vídeo. O interessante, no entanto, é que tal diminuição se deve menos a números mais modestos da segunda temporada e mais a um número expressivamente grande da primeira. Enquanto o terceiro e o segundo episódios mais vistos possuem respectivamente 17.675 e 19.193 visualizações, o episódio “Caldas do Jorro” chega ao chamativo total de 33.146 reproduções. Uma distância de quase 14.000 acessos do primeiro em relação ao segundo lugar. Trata-se, sem dúvida, de uma receptividade inesperada e independente de estratégias específicas de promoção. Uma receptividade espontânea, poder-se-ia dizer enfim.

Apoiando nossa argumentação em Bourdieu, temos que o poder simbólico só se exerce se for *reconhecido*, ou seja, não visto como arbitrário por aqueles sobre os quais recai. Partindo deste pressuposto, portanto, toda a análise que se vem fazendo até agora da recepção positiva do “Bora?” nos leva a afirmar que o regionalismo sertanejo possui um *reconhecimento* já institucionalizado – que podemos comprovar no contexto tucanense e presumir que funcione de maneira similar no resto do sertão.

No entanto, se quase um século depois de publicado o Manifesto Regionalista de Freyre ainda temos uma instituição que conta com amplo reconhecimento para o exercício de seu poder, há que se observar que toda forma de luta simbólica é uma forma de *eufemização* [BOURDIEU, 1989, p. 15] de outros tipos de poder. Em outras palavras, se ainda existe uma demanda por autonomia no sertão nordestino quanto à sua própria cultura, é porque ainda existe uma dependência econômica que a fundamenta – e por ela é fundamentada. Bourdieu vê o âmbito do simbólico como algo *estruturado* e *estruturante* e, portanto, a persistência da eficácia mobilizadora do regionalismo sertanejo indica tanto a persistência de uma luta econômica que o define, quanto a importância dele próprio como arma capaz de exercer influência em tal luta.

Que não se entenda, porém, que da eficácia e do caráter subversivo de nosso regionalismo se desprende que o mesmo emana pacificamente de uma realidade social homogênea. Se buscamos a princípio descrever lutas e interesses que alimentam este discurso, o caso do episódio de “Caldas do Jorro” descrito anteriormente parece apontar para uma tendência curiosa do regionalismo. Note-se que, para além do episódio sobre a estância hidromineral, dos quatro curtas no pódio de maiores números de visualizações, três levam o nome de um povoado específico como título – sendo os outros dois respectivamente “Jorrinho”, em segundo lugar, e “Tracupá” em quarto. Note-se ainda que foram estas as únicas três vezes que a série tomou como tema uma comunidade em particular, as três produzindo respostas muito acima da média.

Ao abordar o campo político, Bourdieu fala de uma *tendência para a fissão*

na forma como este se organiza. Segundo ele, um partido só se pode definir pela diferença com relação aos outros, e esta lógica, de duas ou no máximo três posições conflitantes, tende a se repetir no interior de cada partido e assim sucessivamente em grupos cada vez menores. Considerando o regionalismo como um programa em grande parte atravessado pelo político e ainda seu caráter necessariamente destruidor da diferença interna – e, portanto, potencial gerador de novos pequenos regionalismos internos – arriscamos então um traslado do conceito para o âmbito que nos compete.

A reivindicação de autonomia que encerra o “eu sou daqui”, afirmação de uma identidade coletiva com relação a um lugar específico parece, por sua própria natureza subversiva, questionar qualquer forma de uniformização, deslocando-se assim da nação para a região, desta para o município e dele para o povoado em uma “tendência para a autonomização e a divisão indefinida” [BOURDIEU, 1989, p. 183]. Observar tal possibilidade abre um questionamento sobre o próprio formato do “Bora?”, afinal, talvez optar por uma estrutura interna que priorizasse representar a cada povoamento em sua particularidade conseguisse mobilizar uma parcela muito maior da população municipal.

4 | CONCLUSÃO

O sertão do nordeste brasileiro é um lugar difícil. Uma terra que, nas palavras de Euclides da Cunha, parece que “ainda está se preparando para a Vida [CUNHA, 2001, p. 31]. Por outro lado, é justamente nesta terra rachada pelo sol que nasceram formas culturais tão ricas e particulares que foram e continuam sendo capazes de fazer com que a maioria absoluta dos que as compartilham desenvolvam um sentimento de pertença sólido o bastante para se sobrepor à dificuldade. É esta força do texto escrito pelo regionalismo sertanejo, enfim, o que parece cumprir um papel preponderante para manter viva uma região que ainda exporta a maior parte de sua mão de obra e possui os piores índices de desenvolvimento humano do país.

Neste sentido, pode-se ler o “Bora?” como mais um autor a contribuir com algumas linhas neste texto identitário, linhas estas que têm como principal função incluir a cidade de Tucano no relato da sertanidade. Mais que algo que se possa detectar de alguma maneira objetiva, no entanto, esta inclusão se opera pelo fato de que o espectador tucanense do projeto tem, através dele, a possibilidade de enxergar sua própria cidade – e, por conseguinte, a si próprio – como parte daquele texto. Levando em consideração ainda o fato de que parece existir um já institucionalizado reconhecimento no âmbito sertanejo para com seu regionalismo, o simples fato de que haja uma iniciativa cultural como o “Bora?” ou qualquer outra forma de afirmação identitária sertaneja, então, seria suficiente para habilitar o exercício deste reconhecimento e, por conseguinte, contribuir com o fortalecimento da identidade sertaneja.

Que não se entenda com isto que consideramos a identidade baiana como vilã, ou a sertaneja como mais verdadeira, afinal partimos do pressuposto de que ambas

são construções históricas que respondem a interesses particulares. O argumento vem no sentido de demonstrar a importância de que haja uma força potente o bastante para fazer frente à pressão modernizadora da baianidade, garantindo que nem um nem o outro discurso assumam um papel hegemônico por sobre um grupo. Desta maneira, a ação cultural regionalista sertaneja dentro na Bahia, tenha a forma que tiver, se mostra como uma ferramenta *democrática* – não entendida aqui como um ideal de igualdade de fala universal, mas como uma “luta contínua sem solução final” [HALL, 2013, p. 87] cujo maior valor é ser capaz de limitar o exercício do poder.

Assim sendo, concluímos que a web-série de documentários do “Bora?” se mostrou como uma ferramenta efetiva para o fomento da dinamicidade no âmbito da cultura da cidade de Tucano – efeito que pôde ser notado, ainda que em menor escala, em outros âmbitos, como o da política. Neste sentido, a partir desta experiência, o audiovisual se mostra como um meio extremamente eficaz para a luta simbólica em fronteira por duas particularidades que nele se aliam atualmente: uma capacidade de conversar com as massas e um custo cada vez mais barato de produção e distribuição. Contudo, também a partir desta experiência, concluímos que para os fins afirmativos por ela propostos, a ação cultural virtual não se mostra suficiente, existindo uma necessidade de concretizar e/ou potencializar de alguma outra forma os vínculos nele estabelecidos.

REFERÊNCIAS

BADIOU, Alain. “**El cine como experimentación filosófica**”. In: YOEL, Gerardo (comp.). *Pensar el cine 1: imagen, ética y filosofía*. Buenos Aires: Manantial, 2004. p. 23 – 81.

BHABHA, K. Homi (1994). **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis y Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 1998.

BLOG MACETÉ. “**Jovens de Tucano estão revolucionando a cena cultural e social da cidade com o projeto Sarau na Rua**”. *Blog Maceté*, 01 dez. 2015. Disponível em: <<http://blogmacete.blogspot.com/2015/12/jovens-de-tucano-estao-revolucionando.html>>. Acesso em: 29 jun. 2018.

BOURDIEU, Pierre (1989). **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 315p.

_____ (1977). “**A economia das trocas linguísticas**”. In: ORTIZ, Renato (org.). Bourdieu – Sociologia. São Paulo: Ática. Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 39. 1983. p. 156 – 183.

BORA, Projeto (2017). **O Espetáculo da História de Tucano**. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/405907402/O-Espetaculo-da-Historia-de-Tucano>>. Acesso em: 11 abr. 2019.

CARNEIRO, Gabriel. “**O sufoco dos independentes**”. *Revista de Cinema*, 19 jun. 2013. Disponível em: <<http://revistadecinema.com.br/2013/06/o-sufoco-dos-independentes/>>. Acesso em: 19 mar. 2018.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FREYRE, Gilberto. **Manifesto regionalista**. 7.ed. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1996. p.47-75

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução de Adelaine La Guardia

Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. 434p

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. “**Cidades, Panorama Tucano – BA**”. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/ba/tucano/panorama>>. Acesso em: 08 ago. 2017.

INSA. **Sinopse do Censo Demográfico para o Semiárido Brasileiro**. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. Campina Grande: INSA, 2012.

LOWE, Donald M. “**La historia de la percepción**”. In: LOWE, Donald M. *Historia de la percepción burguesa*. Tradução de Juan José Utrilla. D.F., México: Offset Universal, S.A., 1986. Cap. 1, p. 11 – 37.

PEREIRA VASCONCELOS, Cláudia. **Ser-tão Baiano: o lugar da sertanidade na configuração da identidade Baiana**. Edufba, Salvador, 2012.

PIMENTEL, Marcio C. “**A Criminalidade não descansa, Tucano pede socorro**”. *Marcio News Agora*. Disponível em: <<http://marcioagora.blogspot.com.br/2015/05/criminalidade-nao-descansa-tucano-pede.html>>. Acesso em: 29 jun. 2018.

ROCHA, Rubens. **História de Tucano**. Editora Beneditina Ltda, Salvador, 1976.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alberto Valença 12, 13, 16, 17, 20, 22, 23, 24

Alma 19, 37, 39, 43, 44, 45, 47, 48, 177, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 232, 233, 278

Aluno 13, 142, 144, 145, 165, 167, 171

América Latina 88, 97, 109, 174, 175, 176

Aquarius 174, 175, 176, 177, 179, 182, 183, 184, 185, 186, 187

Audiovisual 1, 2, 4, 10, 109, 110, 112, 117, 179

B

Bahia 1, 2, 3, 4, 5, 10, 12, 13, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 31, 67, 75, 76, 80, 83, 84, 93, 95, 97, 99, 104, 107, 121, 142, 144, 152, 154, 157, 161, 174, 188, 189, 217, 219

C

Carnaval 33, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 100

Carnaval de Rua 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84

Clave 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104

Crítérios amostrais 253

Cultura material 164, 219, 220, 228, 232, 233, 275

Cyber-infância 152, 153, 154, 155, 156, 157, 161

D

Descolonial 174, 175, 176, 179, 182, 183

E

Economia criativa 65

Educação especial 162, 163, 165, 167, 170

Educação inclusiva 162, 165, 167, 168, 172

Espírito 42, 48, 88, 190, 204, 206, 208, 209, 211, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 228, 229, 232, 266

Eugenia 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93

F

Fernando Pessoa 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48

G

Guerra Colonial 188, 189, 193, 195, 204

I

Identidade 1, 3, 9, 11, 17, 37, 38, 40, 42, 45, 72, 78, 91, 92, 104, 110, 115, 126, 127, 128, 129, 130, 136, 140, 141, 145, 146, 147, 150, 175, 181, 183, 191, 192, 195, 212, 213, 223, 233, 235, 237, 245, 256, 257, 259, 260, 261, 268, 276

Inclusão 9, 32, 41, 139, 145, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 173

Infância virtual 152, 153, 155, 161

J

Jovens negros 142, 147, 149

L

Legislação educacional 162

Literatura 4, 30, 31, 32, 37, 38, 39, 40, 48, 49, 85, 88, 89, 93, 108, 144, 151, 174, 183, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 260, 261

Literatura Brasileira 85, 174

M

Mito 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 57, 83, 201, 202, 207, 209, 210, 212

Museu Gruppelli 219, 220, 221, 226, 230

Música Afro-Brasileira 95, 97, 98

N

Necessidades especiais 162, 165, 166, 167, 168, 170, 171

O

Orientação sexual 118, 253, 254, 255, 256, 257, 260

P

Pintura Iconográfica 12

Práticas lúdicas 152, 153, 154, 156, 158, 160, 161

Psicometria 253, 255

R

Racismo 85, 86, 92, 93, 121, 122, 123, 124, 126, 128, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 143, 145, 146, 147, 150, 193

Regionalismo 1, 2, 8, 9

Relação étnico-racial 142

Relações étnico-raciais 85, 86, 151

Religião 31, 37, 42, 45, 46, 48, 49, 104, 137, 268, 270, 271, 273, 274, 276, 277

Representação 1, 16, 19, 30, 39, 40, 45, 48, 53, 59, 63, 68, 83, 86, 99, 100, 101, 102, 117, 127, 129, 144, 151, 175, 181, 188, 189, 190, 191, 195, 219, 220, 228, 269

Rio de Janeiro 10, 12, 13, 14, 18, 19, 20, 24, 35, 49, 50, 63, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 90, 112, 119, 140, 141, 161, 162, 170, 173, 183, 188, 195, 204, 233, 238, 250, 251, 253, 261, 278, 279

Ritmo Cabila 95

Ritmo Ijexá 95, 96, 100, 101

S

Salvador 3, 11, 12, 13, 15, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 43, 65, 66, 67, 69, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 93, 95, 96, 97, 100, 104, 108, 121, 122, 123, 124, 125, 135, 139, 140, 141, 151, 152, 154, 157, 161, 208, 233

Sebastianismo 37, 38, 40, 45, 46, 47, 48, 49

Sertão 1, 2, 3, 4, 8, 9

T

Tacho 219, 220, 221, 222, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232

Trauma 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195

V

Violência 81, 105, 106, 107, 128, 139, 142, 144, 148, 149, 155, 160, 161, 179, 181, 192, 196, 206, 244, 246, 250, 252, 274

 **Atena**
Editora

2 0 2 0